

Saberes Pedagógicos na Educação de Jovens e Adultos

Pedagogical Knowledge in Education Youth and Adults

*Maryane Meneses Silveira**

*Josineide Siqueira de Santana***

*Erivanaldo F. Xavier Costa****

Resumo

O presente trabalho de caráter interdisciplinar, elaborado a partir da prática de sala de aula com alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), reúne metas, metodologias e contribuições da identidade negra; e de como essa população vem produzindo seu espaço seja no campo ou na cidade. Bem como nas relações sociais laborativas, educacionais e culturais existentes na sociedade. Este esboço tem como finalidade facilitar o ensino-aprendizagem através dos conteúdos que foram ministrados sobre história dos povos africanos, dando ênfase aos povos que chegaram ao Brasil e sua contribuição para a formação de nossa sociedade. E orientações de como compartilhar o conhecimento aprendido para os colegas de forma lúdica e explicativa através da confecção de materiais.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade - EJA - Identidade negra

Abstract

This present interdisciplinary essay was created from classroom practice with students of Educação de Jovens e Adultos (EJA), it has goals, methodologies and contribution of black identity, how this population have been producing your knowledge in the countryside or in the city as well as in social relations at work. This resume is aimed at facilitating the teaching-learning through the contents which was ministered about African people's history, giving emphasis to peoples who arrived in Brazil and their contribution to the formation of our society. Furthermore, this text provides orientations about how to share the knowledge learned to colleagues through an explanatory and playful mode about how fabricate materials.

Key-words: interdisciplinary – EJA – Black identity

* Mestrado em Geografia, Grupo Sociedade e Cultura, Geografia, maryanesilveira@gmail.com

** Mestrado em Educação, Grupo de Pesquisa em História da Educação: Intelectuais, Instituições Educativas e Práticas Escolares (GEPHE), História, josi-siqueira2010@hotmail.com

*** Especialização Metodologia do Ensino da Matemática, Matemática, erivacosta@hotmail.com

Introdução

A interdisciplinaridade deste trabalho contribuiu para que o docente se empenhasse na interação de conteúdos para que, em sala de aula, o educando pudesse discernir a riqueza e a mobilidade das várias ciências em gerir o desenvolvimento de metodologias relacionadas à identidade negra e como o negro influenciou na produção do espaço dele, seja na zona rural – campo - ou na zona urbana – cidade -, bem como as relações sociais que se imbricam na sociedade. Este trabalho tem como finalidade facilitar o ensino-aprendizagem através dos conteúdos que foram ministrados, com o objetivo geral de desenvolver a percepção da presença africana em nosso povo e nos diversos aspectos da vida e os específicos de como trabalhar a história dos povos africanos, dando ênfase aos povos que chegaram ao Brasil; descobrir jogos e brincadeiras de origem africana e a contribuição à nossa sociedade; apresentar o continente africano levando em consideração a diversidade cultural, política e geográfica, explorando as músicas de gêneros como o samba, reggae, cantigas de roda, entre outras e qual a importância para o negro, as diversas danças e práticas corporais trazidas pela cultura afro. Nesse sentido, como forma de elevar a autoestima da comunidade escolar, com o intuito de amenizar os conflitos entre os discentes, os preconceitos, a evasão escolar e melhorar a convivência dos diferentes. O trabalho foi realizado no Colégio Estadual Armindo Guaraná, localizado na Avenida José Conrado de Araújo, s/n – Rosa Elze - São Cristóvão/SE, em um prazo de três meses, entre os meses de agosto e novembro de 2012 com os alunos na modalidade Fundamental e Médio da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A participação dos alunos, aos funcionários e aos professores do Colégio Estadual Armindo Guaraná, foi de suma importância para a realização, além da participação especial dos pais dos alunos.

Justifica-se esta temática afro-brasileira pelo advento da Lei nº 10.639/2003, “que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica”¹, buscando assim, o cumprimento do estabelecido na

Constituição Federal em seus artigos 5º, art. 210, art. 206, art. 215 art. 216, bem como nos

artigos 26,26º, e 79 B da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 9.394/96, que asseguram o direito à igualdade às condições de vida e cidadania, assim como garantem igual direito às histórias e culturas que compõem a nação brasileira, além do direito de acesso às diferentes fontes de cultura nacional a todos os brasileiros²

Com os referidos subsídios e luta histórica decorrida durante todo o século XX pelos movimentos negros em busca de melhores condições, entre elas, a igualdade, faz-se necessário desenvolver um trabalho que possa não só envolver o corpo discente e docente na produção de conhecimento mais aprofundado, de forma pedagógica e criativa sobre o continente africano e as questões que envolvem a consciência negra. Desse modo, acreditamos estar contribuindo para a valorização do negro, uma das matrizes formadoras do povo brasileiro, “[...] constituindo inclusive focos importantes do processo de identificação em torno da ideia do “ser brasileiro” e, de outro lado, a dificuldade coletiva crônica de perceber e ter consciência da abrangência de tal fenômeno aparecer como um sério problema na perspectiva da superação do racismo à brasileira” (Ribard, 2009, pag.18), bem como despertando valores como o respeito à diversidade.

Assim, motivados pela curiosidade diante da contribuição da raça negra, não apenas ao nosso país, mas partindo de nossa comunidade, estamos propondo o presente projeto que almeja ir além do simples estudo dos conteúdos, mas “propor atividades que resgatem o sentido da espécie humana esfacelada pelo sistema social vigente, rompendo com a segmentação da vida, com a divisão, seja ela de raça, etnia, religião ou cultura, trabalhando por igualdade, convivência harmônica, construção do coletivo e respeito às individualidades”³.

Lembramos ainda que trabalhar valores como respeito, igualdade e coletividade requer, entre outras questões, mudança na prática pedagógica que vai além de cada área em específico, mas de uma interação entre todas as áreas e na tomada de consciência de si e do outro, para que haja uma melhor compreensão das necessidades de cada um e um bom aproveitamento naquilo que todos podem oferecer no tocante ao conteúdo a ser trabalhado no projeto.

A metodologia foi construída a partir da constatação de que embora a matriz africana faça parte da formação de nosso país em diversos aspectos, pouco conhecemos sobre a mesma, e esse mesmo desconhecimento gera muitas vezes preconceito e ignorância diante de uma cultura tão rica. Projetos que proporcionem o conhecimento dos valores da africanidade podem ajudar os alunos a minimizar as manifestações de preconceito, levando a um alargamento da visão de mundo e seus diversos componentes.

Referencial Teórico

O desafio da Pluralidade Cultural é respeitar os diferentes grupos e culturas que compõem o mosaico étnico sergipano e brasileiro, incentivando o convívio dos diversos grupos e fazer dessa característica um fator de enriquecimento cultural. Com ela, propomos o respeito às diferenças, a valorização da identidade cultural e regional, também lutar por um mundo em que o respeito às diferenças seja a base de uma visão de mundo cada vez mais rica para todos nós.

Segundo Silveira (2006, p.21), o termo cultura, a partir do enfoque antropológico, entre outros pontos, [...] pode ser resumido na compreensão da unidade biológica da espécie humana e a sua diversidade cultural, percebida através da diversidade de concepções, costumes, atitudes, práticas, em suma, dos vários modos de vida. Todas essas dimensões formam padrões particulares que expressam os significados e as visões de mundo dos indivíduos nos contextos de existência deles.

Os municípios que possuem a toponímia indígena ou afrodescendente influenciam nos hábitos e nas tradições que, para Silveira (2006), “a relação do homem com o mundo é sempre mediada por suas ferramentas. Uma vez que ele constrói, apreende e interpreta a realidade a partir dos instrumentos que lhe são fornecidos pela cultura”. Clifford Geertz (1989, p.15) “defende o conceito de cultura a partir da concepção de Max Weber, que define o “homem como um animal amarrado a teias de significado

que ele mesmo teceu [...]”; artesão quase compulsivo de si próprio, que constrói ininterruptamente teias de significados para dar sentido à sua realidade com fatos presentes, experiências do passado que formam a cultura.

Dentro da diversidade cultural, abrimos espaço para estudar sobre História, Ciências Humanas - comportamentos, Língua, Literatura, Economia -, o campo, a cidade e o social, Matemática, tradição - culinária, vestimentas, religiões predominantes e a relação com o nosso país.

Desenvolver o respeito às diversidades combatendo as desigualdades é ver em nós o ser mestiço que traz em sua carga genética a ancestralidade negra que encarava os desafios naturais do seu cotidiano. Os negros são marginalizados por causa da cor.

Trabalhar a negritude ou a identidade negra na escola torna-se um tanto difícil pelos percalços sofridos ao longo dos anos, como também a não aceitação de ser negro, pois transmitia a ideia de ser inferior, de ser feio, sem cultura.

Para Silva (2010:32),

As situações vivenciadas repetidamente pelas crianças negras no interior das escolas podem levá-las a cristalizar um sentimento de vergonha, medo e raiva de ser negro. Esse é um resultado bastante perverso desse processo educacional que silencia quanto à diversidade étnico-racial: a recusa dos indivíduos negros em pertencer a esse grupo étnico-racial. Porém, como aceitar uma identidade socialmente construída em bases negativas? Afinal, as pessoas negras na sociedade brasileira são associadas ao feio, fêdo, inferior, preguiçoso e com tendência à marginalidade. Ouvimos com frequência as pessoas afirmarem que o próprio negro é racista. Prefiro afirmar que alguns internalizaram um racismo existente fora de si (na sociedade), uma vez que a história do negro é de uma permanente negação – da sua identidade, da sua história, da sua cultura, da sua religiosidade, da sua beleza, da sua inteligência, dos seus direitos e do seu ser.

Educação de jovens e adultos e a interdisciplinaridade

A educação de jovens e adultos apresenta a origem na concepção de que todos podem aprender em qualquer tempo ou idade e que o acesso à educação é o primeiro passo para que homens e mulheres tenham mais autonomia e possam ser agentes ativos no mundo, observando as mudanças, refletindo e buscando novos caminhos para as questões que vierem a ser suscitadas.

Educar jovens e adultos exige pensar antes de tudo no contexto social e econômico vivenciado por cada educando. A partir de um olhar mais direcionado para essas questões, será possível chegar com mais facilidade ao aprendizado, pois trabalhar com EJA requer a sensibilidade de perceber que:

Via de regra, em Educação de Jovens e Adultos, estamos tratando com um grupo de pessoas que foram silenciadas por longos momentos de suas vidas. São pessoas que, em alguns casos, já chegaram a internalizar que são incapazes de aprender. Que já são velhas demais para aprender ou até mesmo que aprender a ler e a escrever não mudará nada em suas vidas. (BARCELOS, 20012, p.39)

Daí, a necessidade de buscar a compreensão do mundo pela comunidade de educando, porém, vale lembrar que essas representações foram construídas histórica e culturalmente, mas, ainda assim, são possíveis de mudanças. Desse modo, cabe ao educador de EJA dar voz a esses silenciados, fazendo com que cada um se sinta importante e responsável pelo seu aprendizado.

Dessa forma, inserir o jovem e adulto/educando no processo de aprendizagem remetem à busca das experiências para a atuação educativa, pois interessa-nos como subsídio para perceber como eles produzem o espaço vivido deles. Ou seja, conhecimentos e saberes produzidos a partir dos vínculos e de suas relações sociais para a produção e reprodução da vida.

Nesses espaços, os saberes produzidos são também reconhecidos e legitimados, e evidenciados por meio de biografias e trajetórias de

vida dos sujeitos. Compreende-se que são eles decorrentes dos variados espaços sociais que a população vivencia no seu estar e ser no mundo, seja cultural, laboral, social, político e histórico. (MEC 2007)

Os professores também ensinam a partir da experiência de vida e alunos aprendem com as mesmas experiências. A vida, o trabalho, as lembranças da infância, a comunidade onde mora, os problemas enfrentados, enfim, todas essas circunstâncias podem servir de subsídios para uma boa prática pedagógica da educação de jovens e adultos.

Portanto, pensamos num projeto pedagógico para inserir essas questões do cotidiano, que fazem parte do aluno de EJA. “Para desenvolver este projeto, precisamos de um “retornar as raízes”, estudando a etimologia da palavra “projeto”, que deriva do latim “projetus”, e significa “lançar em frente” ou “arremessar algo”. Atualmente, os estudos realizados no Brasil vêm aprofundando o valor educativo e formativo dos mesmos, ressaltando a importância política pedagógica para a organização do trabalho educacional”. (VEIGA apud FONSECA, 2009, p.140)

Nesses parâmetros, recorremos à interdisciplinaridade que é a interação dos conteúdos da várias matérias e está intrínseca ao indivíduo. Segundo Fazenda (2001, p. 11), é um processo que precisa ser vivido e exercido. A autora acrescenta que a interdisciplinaridade não é categoria de conhecimento, mas de ação (idem, p. 28), porém uma ação planejada, registrada e conscientemente refletida.

Nesse sentido, é importante que os educadores estejam conscientes sobre o grau de suscetibilidade do aluno e como ele se encontra, porque é essencial que eles se interessem da teoria para poder chegar mais próximos do processo ensino-aprendizagem. A capacidade de o aluno aprender depende não somente do que se aborda na sala de aula, mas também das formas ou estruturas de pensamento que ele predispõe para assimilar o ensino, ou seja, depende do nível de competência cognitiva do aluno.

Segundo Valério (2010, p. 52), entendemos a interdisciplinaridade como um movimento que possibilita o diálogo entre os seres humanos e os saberes. Isso impõe uma

nova consciência; o ensino pautado na comunicação convergente dos programas de estudo das disciplinas, no diálogo entre os professores e alunos em uma perspectiva de troca e enriquecimento de saberes individuais e experiências de vida, proporcionando a alegria da busca e do conhecimento [...].

Nessa prática, o diálogo entre os educadores das várias disciplinas foi muito importante para poder estimular os jovens e os adultos que há uma linguagem só e de interesses a aprendizagem nos diversos saberes da escola. Para Fazenda (2003),

[...] a interdisciplinaridade é uma categoria de ação. Não significa a integração entre os conteúdos de diferentes disciplinas, antes de tudo, constitui-se em um diálogo entre indivíduos para, só depois, concretizar-se na inter-relação entre as disciplinas do currículo escolar visando um processo interno de construção do conhecimento” (FAZENDA, 2003)

Assim, com a construção de saberes pelos educadores via diálogo reflexivo que contribuiu para os jovens e adultos uma prática mais aberta, proporciona uma aprendizagem adequada aos seus interesses.

Metodologia

Os procedimentos metodológicos dessa prática foram construídos com base nas disciplinas de História, Geografia e Matemática.

HISTÓRIA

Fazendo uso de filmes, textos específicos sobre a História da África, literatura e expressão artística (gravuras e pinturas), pretende-se trabalhar temas como a escravidão negra, a história do continente africano, a luta e formação dos primeiros Quilombos e luta contra o preconceito racial. A partir do conhecimento adquirido, estimamos construir com nossos alunos maquetes e apresentações culturais que apresentem uma nova forma de se ver e entender o ser negro em nossa sociedade.

Para melhor trabalharmos o nosso conteúdo, escolhemos a turma da 1ª Etapa do Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos – EJA/EM - bem como os conteúdos a serem vistos, aprendidos e pesquisados. Para uma melhor compreensão, os conteúdos foram divididos em Escravidão, Quilombos e liberdade*, com os subtemas Artes, Alimentação* e Sonoridade*.

A escravidão do negro foi um movimento ocorrido na própria África, quando as lutas e guerras entre tribos faziam com que vencedores fizessem uso dos vencidos para diversos fins, inclusive, para a escravidão. O termo escravo vem de muito antes da História Moderna. Encontramos relatos sobre a escravidão em diversos povos antigos. O diferencial, nesse caso, é que, na antiguidade, a escravidão estava ligada principalmente a dívidas, não importando assim, a cor da pele ou raça.

Na História do Brasil, não havia outra forma de escapar da escravidão a não ser através da compra da liberdade ou alforria. Desse modo, muitos semelhantes viveram as mais variadas formas de humilhação e privação da liberdade. Vale ressaltar que o Brasil foi um dos últimos países onde a escravidão foi abolida, apenas em 1888, após a assinatura da Lei Áurea, lembrando que antes disso, leis como Ventre Livre (1871), Eusébio de Queiroz (1850) e Sexagenário (1885) já davam o tom para o que seria o caminho natural para a liberdade, embora cada lei aprovada apresentava em seu bojo muitas restrições.

Imbuídos dessa reflexão, os alunos começaram os questionamentos sobre: “Qual o direito que o outro tem em me escravizar? Por qual motivo o Brasil foi escravista durante tanto tempo? Que ligações eu posso fazer entre um passado escravista e minha vida atual”? A partir dessas indagações, iniciamos alguns diálogos na sala de aula e, com eles, partimos para a produção de uma das partes que compuseram a nossa pesquisa.

Sobre a luta pela liberdade, analisamos os diversos significados da palavra, incluindo até as questões ligadas à violência. Nessa etapa, alguns alunos fizeram relatos sobre experiências racistas que já sofreram. Os relatos perpassam várias situações, a saber: a busca de emprego em lojas, o uso de elevadores em condomí-

nios, entre outros. Para um melhor desenvolvimento do trabalho, fizemos uso da canção “Identidade”, de Jorge Aragão. Foram entregues cópias aos alunos e depois da audição, realizamos um debate que continuou em outras aulas.

Aproveitando a letra da canção:
se preto de alma branca pra você/
 é o exemplo da dignidade/
Não nos ajuda, só nos faz sofrer/
 e nem exalta nossa identidade.

Com essa estrofe, buscamos trabalhar com os ditados populares que tratam do negro, muitas vezes, os estigmatizando. Foram citadas frases e anedotas, depois realizamos uma avaliação das delas, tentando identificar o que havia de negativo ou não nas frases citadas. Em meio aos depoimentos, podemos perceber que muitos dos alunos chegaram a um ponto de não mais se importarem com as agressões, acreditando que “faziam parte da vida”. Isso nos mostrou outra questão a ser trabalhada: a questão da estima, que por ser pertinente, dedicamos um olhar especial para ela. Contatamos que muitos de nossos alunos são de etnia negra e vivem em um bairro marcado por inúmeras dificuldades, tais como: saúde, transporte, violência, ausência de trabalho, fatores esses que fazem cair a estima dos educandos. Elencados a essas questões, partimos para a nossa pesquisa e, a partir dela, os alunos conseguiram perceber o papel do elemento negro para a formação, não só da própria identidade, como da identidade nacional.

Desenvolvimento da pesquisa:

A turma foi dividida em equipes de trabalho. Cada uma das equipes ficou responsável pela pesquisa do conteúdo como um todo e seus subtítulos. As pesquisas foram realizadas em um período de três meses. Com os resultados das pesquisas, os alunos debatiam na sala de aula sobre os referidos conteúdos. Após esse momento, eram realizadas atividades, como redações e produções de textos.

Concretizada a parte das pesquisas, passamos para a confecção de máscaras africanas (arte africana), instrumentos musicais e culinária/alimentação.

As máscaras foram confeccionadas em papel e depois pintadas pelos próprios alunos, que também pesquisaram sobre os instrumentos musicais, procurando reproduzi-los de maneira mais próxima do real. Quanto à alimentação, procurou-se conhecer as receitas, os alimentos mais usados, o tipo de produtos utilizados para cada alimento e, em alguns casos, a ligação deles com a religião.

GEOGRAFIA

A Geografia é uma ciência que envolve os vários conhecimentos para tornar o mundo explicável, compreensível e passível de transformações pela sociedade. O ensino da Geografia deve levar os alunos a compreender melhor a realidade a qual estão inseridos, para que nela interfiram de modo consciente e com finalidade.

Ao buscar compreender as relações econômicas, políticas, sociais e as práticas nas escalas **local, regional, nacional e global**, a Geografia se concentra e contribui, na realidade, para **pensar o espaço** enquanto uma totalidade na qual se passam todas as relações cotidianas e se estabelecem em redes sociais nas referidas escalas.

Nesse sentido, pensar o espaço africano no Brasil nos remete a uma contextualização histórica dos primeiros momentos até dias atuais através da literatura de didáticos e paradidáticos, filmes, pesquisas. Assim, estudamos um pouco da Geografia da África seja nos aspectos físicos (clima, vegetação, relevo e hidrografia), humanos (origem, etnia, distribuição, densidade, cultura, religião, percepção, modo de vida e outros) e econômicos (agricultura, indústria e mineração) para mostrar a riqueza das formas estruturais, naturais e em que se assemelham ao nosso país, as exposições dos conteúdos de uma configuração dinâmica e diversificada com o uso de equipamentos, banners e mídia. A partir dessas visões, construímos juntos conceitos de alteridade pelo outro.

A partir dessa consciência, a turma da 2ª Etapa do Ensino Médio resolve, de acordo com suas habilidades e pretensões, dividir-se em três grupos: 1º grupo com uma encenação de uma peça antirracista - “Menina Bonita do laço de fita”, de Ana Maria Machado; 2º grupo trabalhou

a religiosidade afro-brasileira – Candomblé - e o 3º grupo trabalhou o samba – de herança afro para amenizar as questões preconceituosas da etnia e da religiosidade afro-brasileira e a influência do samba no caminhar da história, na construção do espaço brasileiro.

No primeiro grupo, os alunos leram um livro, assistiram ao vídeo do tema “Menina Bonita do laço de fita” e debateram fazendo uma reflexão sobre a diversidade e a inclusão do negro em nossa sociedade. Daí, fizeram uma adaptação para encenar a estória que versa a questão étnica e racial que é bem visível em nosso meio, ensaiaram e prepararam todo o cenário para a apresentação.

No segundo grupo, de religiosidade afro-brasileira, os alunos pesquisaram sobre o sincretismo religioso, culto afro - o Candomblé - e descobriram que na África não tem essa forma de ritual de que para orixá possui um santo católico. Contudo, eles fizeram um levantamento sobre as cores, os rituais, a comida e a representação da natureza. E cada um dos participantes do grupo vestiu roupas nas cores do orixá correspondente e falou sobre a personalidade de cada entidade. Eles também arrumaram o cenário como se estivessem num terreiro para a exposição.

No terceiro grupo - samba -, fizeram um levantamento histórico e desvendaram origens do samba, significado, história do samba e principais sambistas. E a construção das letras das músicas contava a vida e o cotidiano de quem mora nas cidades, com destaque para as populações pobres. O termo samba é de origem africana e tem o significado ligado às danças típicas tribais do continente.

Passado o período de apresentação, os alunos fizeram uma avaliação de que, muitas coisas apresentadas pelos colegas de sala e da escola, não tinham conhecimento e que foi muito boa a troca, pois aprenderam de uma forma diferenciada e conseqüentemente o empenho deles foi muito mais prazeroso.

MATEMÁTICA

Esse relato tem como objetivo principal apresentar o desenvolvimento de atividades matemáticas com jogos

africanos, dando ênfase ao Yoté, em uma abordagem interdisciplinar. A escolha do Yoté deu-se pela intenção de introduzir o aluno na cultura africana, pois esse jogo é utilizado em vários países da África Ocidental e, ao mesmo tempo, fazer com que o aluno desenvolva a observação, análise, levantamento de hipótese, reflexão, argumentação e resolução de problemas por se tratar de um jogo de estratégias, que de acordo com Gentil (2006, p.8), “são trabalhadas as habilidades que compõem o raciocínio lógico. Com eles, os alunos leem as regras e buscam caminhos para atingir o objetivo final, utilizando estratégias para isso”. A escolha feita da 1ª etapa EJA/EM foi motivada por conteúdos que são trabalhos e vistos pelos discentes, tais como: plano cartesiano, medidas de área e comprimento e áreas de figuras geométricas planas. A matemática é uma matéria curricular e, como as demais, gira em torno de temáticas milenares. Ela é o fruto da construção humana e evolui de acordo com as necessidades de resolver problemas no decorrer da história. Vários povos de diferentes culturas contribuíram para a construção, porém, apenas é levado em consideração o pensamento dos núcleos intelectuais ocidental, sem preocupar-se que esse pensamento coincide com a origem do pensamento nos outros continentes, inclusive o africano, o qual não podemos menosprezar e nem renunciar. Esse sendo um dos motivos faz com que busquem novas metodologias para o ensino da matemática.

Assim, a Matemática funciona como um processo de reconhecimento e valorização de culturas, procurando-se estudar os processos de geração e troca de conhecimento. E busca interligar os conteúdos matemáticos com a realidade dos alunos. E por ser uma forma de recuperar e valorizar a cultura de cada povo, ela possui fundamental importância para o processo de ensino-aprendizagem. Daí é inevitável não pensar no jogo educativo como uma grande ferramenta de aprendizagem e:

nessa perspectiva, a inserção dos jogos no contexto escolar aparece como uma possibilidade altamente significativa no processo de ensino aprendizagem, por meio da qual, ao mesmo tempo em que se aplica a ideia de aprender brincando, gerando interesse e prazer, contribui-se para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social do alunos. (RIBEIRO, 2008, p.19)

O uso de jogos no ensino da Matemática permite alterar o modelo tradicional de ensino e representa uma mudança de postura do professor em relação ao que é ensinar matemática, ou seja, o professor assume um papel de organizador e incentivador da aprendizagem, facilitador e mediador no processo de construção do saber pelo aluno. Essa mudança é o enfatiza as páginas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (MEC, 1998) que salienta a necessidade de o professor utilizar e dispor da matemática como uma ciência dinâmica, sempre apta a novos conhecimentos e tornar o docente mediador entre o conhecimento matemático e o discente. Além de abordar os jogos de estratégias como exemplos práticos que ajudam o aluno a desenvolver o pensamento lógico-matemático e habilidades específicas.

Vale destacar ainda um projeto do Ministério da Educação (MEC) em 2010, que lançou um livro intitulado “Yoté – o jogo da nossa história” e o distribuiu para todas as escolas do país, com o intuito de disseminar a cultura afro-brasileira e de fazer com que os alunos tivessem o conhecimento e praticassem um jogo que tanto aborda e faz parte de nossa realidade.

Por conseguinte, a escolha dessa atividade realizada no projeto em questão teve como base metodológica o desenvolvimento inicial através do levantamento bibliográfico. Com base na compreensão da bibliografia, foi realizada a confecção do jogo que os africanos usaram e que contribui com o ensino-aprendizagem na atualidade. Os procedimentos metodológicos ocorreram de forma a possibilitar a seleção de conteúdos fundamentais para a produção de novos conhecimentos manifestados pela comunidade estudantil, como também a desenvolver competências e habilidades a serem estudadas na Matemática.

A princípio, foi apresentada a proposta de trabalharmos a matemática através de jogos da África, que haveria uma pesquisa realizada pelos alunos e seria escolhido um jogo africano para ser desenvolvido. Feito isso, o jogo escolhido foi o Yoté, semelhante ao jogo da dama, o qual foi confeccionado pelos próprios alunos. Levamos o material para a construção do jogo, tal como cartolinas,

réguas, tesouras, canetas coloridas e também uma folha com as orientações sobre o processo de montagem tanto do tabuleiro quanto das peças.

Regras do Yoté

- É um jogo de confronto estratégico para 02 jogadores;
- Usa-se um tabuleiro de 30 casas com 24 peças, 12 de cada cor;
- Capturar ou bloquear todas as peças do adversário;

Início da partida

- Cada jogador escolhe uma cor e coloca sua reserva de peças fora do tabuleiro;
- Os jogadores escolhem quem inicia;
- Cada jogador, na sua vez, pode colocar uma peça em uma casa vazia da sua escolha, ou mover uma peça já colocada no tabuleiro;
- As peças se movimentam de uma casa em direção a uma casa vazia ao lado, no sentido horizontal ou vertical, mas nunca na diagonal;
- A captura ocorre quando uma peça pula por cima da peça do adversário, como no jogo de damas;
- A peça capturada deve sair da casa adjacente à peça capturada e chegar, em linha reta, na outra casa adjacente que deve se encontrar vazia;
- Além de retirar a peça capturada, o jogador retira mais uma peça do adversário de sua livre escolha. Assim, para cada captura, o jogador exclui um total de duas peças do adversário;
- A captura não é obrigatória;
- Caso um jogador sofra captura de uma peça e não possua outras sobre o tabuleiro, seu adversário não poderá reivindicar a outra peça a qual teria direito;
- Um jogador pode capturar várias peças do adversário com a mesma peça, até que não haja mais condições de pular;
- Durante a captura múltipla é obrigatório, depois de cada captura, retirar a segunda peça antes de prosseguir com outras capturas;
- É permitido retirar uma peça que lhe dê condição de continuar capturando outras peças.

Final do jogo

- O jogo termina quando um dos jogadores ficar sem peças ou com as peças bloqueadas;

- Quando os jogadores concordam que não há mais nenhuma captura possível, vence aquele que capturou mais peças;
- Se ambos jogadores ficarem com 03 ou menos peças no tabuleiro, e não seja possível efetuar capturas, o jogo termina empatado.

Esse jogo teve sua aplicabilidade na turma em questão onde foram explorados área, perímetro e o traço de retas paralelas na montagem dos tabuleiros e o comprimento, raio e diâmetro na confecção das peças que compõem o jogo. Os alunos tiveram uma boa aceitação e interesse em realizá-lo e estavam dispostos a jogar de acordo com a proposta. Isso recaiu positivamente no objetivo, pois: “trabalhar com jogos envolve o planejamento de uma sequência didática. Exige uma série de intervenções do professor para que, mais que jogar, mais que brincar, haja aprendizagem. Há que se pensar como e quando o jogo será proposto e quais possíveis explorações ele permitirá para que os alunos aprendam”. (SMOLE, 2008, p.19)

Foi possível perceber aprendizagens que os alunos externaram através das várias disciplinas que buscaram conceitos fundamentais da matemática e o conhecimento de uma cultura tão presente em nosso cotidiano e em nosso meio e, com isso, fica perceptível a contribuição que a Matemática pode oferecer na formação de um cidadão como um ser pensante, reflexivo e ativo na constante transformação da sociedade.

Considerações Finais

É importante ressaltar que ao trabalharmos com projetos que fazem o diálogo das disciplinas à realidade vivida pela comunidade na escola, conseguimos bons resultados, a começar pela aceitação individual de cada ator social. Ser negro e perceber-se negro, buscar na história de cada um, o mínimo traço e se encontrar enquanto agente do próprio caminho.

Foi possível perceber que temos muito a ensinar aos próximos e muito mais a aprender com os antepassados.

Assim, nada melhor do que deixar as falas dos alunos para finalizar o nosso trabalho, pois aplicamos questionário para saber se os projetos dão resultados e o que eles acham dos projetos na escola.

“Porque mexe com o raciocínio e desenvolve a imaginação (1ª EJA/EF – 18 anos);

Porque são muito organizados (1ª EJA/EF – 18 anos);

Tem prêmios (4ª EJA/EF – 18 anos);

Porque são muito descontraídos, fazendo com que a gente (alunos) aprenda brincando (4ª EJA/EF - 19 anos);

Porque anima o aluno a vir à escola (4ª EJA/EM – 21 anos);

Estimula-nos ao aprendizado (3ª EJA/EM – 42 anos);

Dá uma animação e sai da rotina que é mais importante (2ª EJA/EM – 18 anos);

Ajuda a incentivar (2ª EJA/EM – 21 anos);

Porque não ganho pontos com eles (4ª EJA/EF);

É muito legal! Incentiva os alunos a usar a criatividade e torna-se um momento de confraternização (4ª EJA/EM);

Porque dá para perceber que eles se importam com a gente (4ª EJA/EF);

Ajuda a tirar os problemas da cabeça e também ajuda na nota da gente (4ª EJA/EF);

Porque eles são interativos, educativos e muito bem-feitos (3ª A EJA/EF);

Jogo matemático foi ótimo, amei” (1ª B EJA/EM – 46 anos).

Notas

1 SERGIPE, As Relações Étnico-raciais: História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica de Sergipe. Aracaju:SEED;DED;NEDIC, 2010. p.11

2 SERGIPE, As Relações Étnico-raciais: História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica de Sergipe. Aracaju:SEED;DED;NEDIC, 2010. p.11

3 RUGGER, Rosemeire Auxiliadora Hernandez; PEDRON, Liliâne Maria Consoni. Profissionalismo: Trabalho com valores da Educação Infantil – abordando a temática História Afro-Brasileira. Construir Notícias. Recife, nº 59, p.50-55, jul/ago.2011

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELOS, Valdo. **Formação de Professores para educação de Jovens e Adultos**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BARCELOS, Valdo. **Educação de jovens e adultos: Currículo e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2012.

FAZENDA, Ivani Catarina. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2001

FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e ensinar História**. Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1989.

GENTIL, N., CAMACHO, A. C., **Jogos Matemáticos para o ensino médio**. São Paulo: FACCMP, 2006.

MEC – Ministério da Educação – Secretaria de Educação Fundamental - **PCN's Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

MEC – Ministério da Educação – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Yoté: o jogo da nossa história: o livro do professor**. Brasília: Ministério da Educação, 2010.

RIBARD, F. P. G. **África, Mãe Negra Do Brasil Ou Apontamentos Para Uma Nova Consciência Multicultural**, In. FREITAS G. J. de, PETIT S. H., SILVA C. M. Respeitar as diversidades e combater as desigualdades. Fascículo 1 – África mãe-preta. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda, 2009.

RIBEIRO, F. D., **Jogos e Modelagem na Educação Matemática**. São Paulo: Saraiva, 2009.

RUGGER, R. A. H. PEDRON, L. M. C. **Profissionalismo: Trabalho com valores da Educação Infantil – abordando a temática His-**

tória Afro-Brasileira. Construir Notícias. Recife, nº 59, p.50-55, jul/ago.2011

SERGIPE, **As Relações Étnico-raciais: História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica de Sergipe**. Aracaju:SEED;DED;NEDIC, 2010. p.11

SILVA C. M. **Diversidade e Educação: A População Negra No Cotidiano Escolar**, In. FREITAS G. J. de, RIBARD, F. P. G., PETIT S. H, Respeitar as diversidades e combater as desigualdades. Fascículo 1 – África mãe-preta. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda, 2009.

SILVEIRA, Maryane M. **A Farinhada: Construção Simbólica na Reprodução da Agricultura Familiar**. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2006. (Dissertação de Mestrado).

SMOLE, K.S. DINIZ, M. I.; PESSOA, N.; ISHIHARA, C., **Cadernos do Mathema, Jogos de Matemática do 1º ao 3º ano**. Porto Alegre. Artmed, 2008.

VALÉRIO, R. A. Ilustração do texto verbal: uma leitura interdisciplinar, In. Publicação Oficial do GEPI- Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade – Educação/ Currículo – Linha de Pesquisa: Interdisciplinaridade: PUC/SP. **Revista Interd.**, São Paulo, Volume 1, número 0, p.01-83, Out, 2010

<http://educador.brasilescola.com/estrategias-ensino/lei-10639-03-ensino-historia-cultura-afro-brasileira-africana.htm> acesso 18/06/2013

http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf2/proeja_medio.pdf acesso 18/06/2013